

As revistas coimbrãs de 1889 na génese do Simbolismo

Paula Morão

Abstract. This essay discusses a group of journals published in Coimbra between February and April 1889 as a means to understanding literary discourse and debate of the time, with a view to future developments in the subsequent years. Through a brief description of the content and collaborators of these publications, and the rivalries between them, Paula Morão provides an insight into their literary context as a prelude to Portuguese Modernism, and argues that this pleiad of mostly forgotten poets and writers set the stage for Portugal's Symbolist movement, not only through the polemical Alexandrine debate, but by the very nature of their texts, in both prose and verse.

Entre os meses de Fevereiro e Abril de 1889, cruzaram-se em Coimbra as revistas *Bohemia nova* (6 números), *Os Insubmissos* (5 números, o último dos quais duplo), *Nem cá nem lá* (2 números) e *Bohemia velha* (1 número).¹ Efémeras embora, o que nelas nos importa considerar é a conjugação de diversos factores que, não sendo de ordem propriamente literária, se conjugam para delas fazer um laboratório e uma montra do Simbolismo nascente entre nós. Começemos por uma breve descrição das revistas, inventariando colaboradores e aspectos do conteúdo, o que se afigura relevante para percebermos o contexto e a importância que, à distância, podemos atribuir aos elementos do combate cruzado entre estas publicações.

Bohemia nova—*Revista de litteratura e sciencia*, cujo primeiro número está datado de 1 de Fevereiro de 1889, deixa ver logo no título um intuito mais ou menos concretizado, qual seja o de se apresentar, dentro da Academia de Coimbra, como lugar de discussão de “Literatura e ciência,” conjugando áreas do saber positivo com as da criação literária. De facto, a intenção concretiza-se, com alguns ensaios sobre História e Literatura (Emídio Garcia, “A história,” nº 1; A. Gonçalves, “A cripta da Sé Velha,” nº 3; Cunha e Costa, “Boulangismo e cesarismo,” nº 3), etiologia do suicídio (Carneiro de Moura, nº 2), ciência generalista (Carneiro de Moura, “Superstições de amanhã,” nº 5) ou política (Heliodoro Salgado, “Questões de hoje,” nº 6). Mas o essencial da revista está no campo da literatura, quer com a publicação de poesia e ficção de diversos colaboradores, quer com as crónicas (especialmente as “De Paris,” assinadas por Xavier de Carvalho) e os textos de polémica, nomeadamente aquela, muito renhida e detalhada, havida com os colegas de *Os Insubmissos* a propósitos dos versos alexandrinos e de outras questões de poética. Convém além disso não perder de vista que, tal como as suas congéneres, a revista era feita por jovens estudantes habituados à veia satírica de alguns dos seus maiores, de cujos nomes, aliás, se irão socorrer—entre outros, são referenciados com frequência Junqueiro, João de Deus, Fialho, Eça e Ramalho, para citar apenas alguns. O lado jocoso e juvenil fica desenhado desde o afrancesado nome de “Redactor-em-chefe” conferido à personagem Dr. Fausto, dando o tom do satanismo e da ironia que vão caracterizar os textos de polémica; a partir do número 2, acrescenta-se ao “Dr. Fausto” colectivo um “director de número”—a saber, Alberto Osório de Castro (nºs 2 e 5), Carneiro de Moura (nº 3), António de Mello (nºs 4 e 6). Além destes, colaboram na revista diversos nomes, de que apenas enumero aqueles que comparecem pelo menos duas vezes: Alberto de Oliveira, António Nobre, Pinto da Rocha, Xavier de Carvalho, Agostinho de Campos, Sanches da Gama. Francisco Bastos, depois mentor de *Os Insubmissos*, tem ainda um poema no nº 1 da *Bohemia*.

Quanto aos cinco números de *Os Insubmissos*, reparemos para começar no logótipo presente nas capas de todos eles: um Cupido de cartola e óculo em punho, cavalgando um livro, e brandindo um estandarte com a divisa “De lança em riste,” a sinalizar o propósito de crítica acerada que irá, em rubrica com esse título sempre assinada pelo colectivo “Nós,” ocupar bom número das páginas de cada edição—nomeadamente para procurar demolir, ponto por ponto, todos os poemas ou argumentos dos rivais da *Bohemia nova*.

Com colaboração diversa, temos os nomes de Eugénio de Castro, Francisco

Bastos, João de Menezes, e ocasionalmente alguns outros (no nº 4, um soneto de 1866 de Silvestre Falcão, muito à Gomes Leal; no nº 5/6, Barbosa de Andrade assina um texto sobre o 6º centenário da Academia de Coimbra, no qual o autor não vê a celebração de “Ideia” ou “pensamento,” mas tão só aspectos folclóricos). E deve ainda precisar-se que a colaboração de Eugénio de Castro é escassa, contrariando a ideia feita de que seria ele o capitão destas hostes: publica no nº 1 o poema “Noite de Fogo” (que dará lugar a alguma discussão); no nº 3 escreve uma carta a Francisco Bastos sobre os direitos que este reclama sobre a invenção do alexandrino de estrutura 8+4, e uma nota final no mesmo número esclarece que “deixa de colaborar na secção ‘De lança em riste’” (48). Na verdade, Francisco Bastos ocupa o centro da revista, quer em número de textos quer na documentação sobre o episódio de pugilato em que se envolveu com António de Mello, relatado por cartas de três testemunhas (nº 5/6, 67-70).

Este episódio é, em versão vias de facto, émulo dos mimos com que os colaboradores das duas revistas se presenteiam mutuamente, desaconselhados pelo ritmo rapidíssimo a que se sucedem os respectivos números, e que é, como Vera Vouga já estabeleceu e eu recordo, o seguinte:

<i>Bohemia nova</i>	<i>Os Insubmissos</i>	<i>Outras revistas</i>
1- 1 Fevereiro		
	1- Fevereiro	
	2- Fevereiro	
2- 15 Fevereiro		
	3- Fevereiro	
		<i>Nem cá nem lá</i> , 1 – Fevereiro
3 – 1 Março		
	4 – Março	
4 – 14 Março		
		<i>Nem cá nem lá</i> , 2 - 18 Março
	5/6 - Março	
5 – 22 Março		
		<i>Bohemia velha</i> , 1 - 25 Março
6 – 12 Abril		

Estas datas permitem-nos alvitrar, além do cansaço e da dificuldade em manter o nível (jocosos ou sérios) dos textos, uma outra razão para o fim destas publicações – a aproximação dos exames, que se não compadeceria com as

horas que certamente passaram os seus protagonistas a replicar e a demolir os outros. Repare-se no intervalo mínimo entre os números cruzados, e na periodicidade quinzenal das duas primeiras (tendo *Os Insubmissos* a intenção, só verificada nos dois primeiros números, de “sa[ir] uma vez por semana,” como se diz na contracapa).

Percorramos ainda, rapidamente, as duas revistas que vão na terceira coluna. *Nem cá nem lá* tem à vista, desde este título, o propósito jocoso, que três divisas em latim macarrónico explicitam na capa do nº 1: “*Inter duo litigantes tertius gaudet*,” “*Nos quoque gens summus et cavalgare sabemus...*,” além de “Falar claro e... direito.” Só no nº 2 surgem os nomes dos dois “redactores,” Pinto da Rocha e Ernesto de Vasconcelos, porque no nº 1 eles são, conforme triangulação bem expressiva a responder ao “Nós” d’*Os Insubmissos*, “Eu, Tu, Ele”—com o que aliás se joga de modo muito divertido no corpo dos textos. A lista de colaboradores vai aliás no mesmo caminho: são eles “Alguém, Beltrano, Cicrano, Eu, Ele, Fullano, Ninguém, Qualquer de Nós, Tu.”

Como usam a arma do riso os autores de *Nem cá nem lá*? Fazem-no, por exemplo, neste relato de uma noite de cartazes propagandeando o nº 1 da revista:

Saímos às duas horas da noite. [...] Fomos primeiro à Rua das Fangas, pregámos os respectivos anúncios e seguimos para a Couraça de Lisboa. Éramos Nós três: *Eu, Tu e Ele*.

Eu sobraçava o maço dos cartazes, *Tu* levavas a brocha e a panela do grude, *Ele* fazia sentinela às esquinas enquanto nós trabalhávamos. [...] passou um cão de cauda estendida e cabeça baixa. Era um *Bohemio*—sem coleira, que não pagava imposto.

[...] Rua dos Estudos. [...] afixámos dois; neste momento, passa desenfreado, cauda erecta e emplumada, um gato preto.

Lançou por terra a tigela da grude e partiu-a. Era um *insubmisso*, com certeza.

[...] Recolhemos eram 4 horas da manhã.

A torre da Universidade iluminada por um luar de enxofre, hirta e serena como um *insubmisso*, lançava no espaço umas badaladas macabras, verdadeiras *bohémias* da madrugada. (1-2)

Por outro lado, exercem com *panache* a arte da desconstrução satírica, batendo democraticamente quer na *Bohemia nova* quer n’*Os Insubmissos*—

por isso se intitulam *Nem cá nem lá*. Por exemplo, o “Madrigal impressionista” (nº 1, 4-5) parodia o “Madrigal nocturno” que Francisco Bastos assina no nº 2 d’*Os Insubmissos* (17-18); comparem-se as respectivas notas programáticas:

Os Insubmissos, nº 2

Estes versos são apenas um ensaio. Neles se pretende fazer um alexandrino novo, composto de um verso de oito sílabas e de outro de quatro.²

F. Bastos

Nem cá nem lá, nº 1

Estes versos são apenas um ensaio. Neles se pretende fazer uma revolução na arte; reunindo o verso decassílabo com o de pé quebrado.
Eugénio Bastos de Menezes

É visível a dupla forma de paródia, que consiste não só em arrasar o propósito da inovação técnica proposta por Bastos, mas em assinar nota e poema com o nome composto dos três mentores da revista da Rua das Cozinhas, Eugénio (de Castro) / (Francisco) Bastos / (João) de Menezes. Nas páginas seguintes, são criticados e demolidos quase um por um todos os textos publicados nas duas outras revistas, sempre “De moca em punho” (4), parodiando a divisa “De lança em riste.”

O mesmo tom se encontra no número único de *Bohemia velha—Revista crítico-literária*, datada de 25 de Março. Satirizando a *Bohemia nova*, esta tem como “Redactor em chefe” Mefistófeles, o proprietário é “Zé das Gaifonas” e os “colaboradores” são “vários,” limitando-se os textos destas divertidas oito páginas a criticar de modo ligeiro artigos e poemas da *Bohemia nova*.

O que importa reter, no confronto das quatro revistas, não é o anedótico e a às vezes superficial troca de galhardetes, escorados com certeza no conhecimento pessoal que os seus protagonistas têm uns dos outros na Academia de Coimbra da época. O que interessa, sim, é lê-las como sintomáticas de uma atmosfera, tanto no que respeita à saúde mental que o riso manifesta (no caso das duas publicações por último referidas), como, e sobretudo, no quadro que traçam da formação intelectual dos jovens poetas que viriam a ser designados como “Os Novos.”³ De muitos deles não resta hoje traço, ou porque não vieram a publicar obra consistente, ou porque, tendo sido editados, os seus livros se perderam no pó do tempo a que os condenou a sua relativa qualidade de versejadores. O que se procurará fazer agora é delimitar os aspectos mais relevantes dessa formação intelectual, tal como os textos das revistas *Bohemia nova* e *Os Insubmissos* a permitem rastrear.

Lendo tanto os poemas como a generalidade das colaborações nestas revistas, encontramos muitas referências explícitas a autores lidos: na *Bohemia*, alguns dos números são salpicados com citações avulsas mas destacadas tanto de poetas e pensadores estrangeiros (Flaubert, Renan, Paul Bourget, Schopenhauer, Hegel) como de portugueses (Ramalho Ortigão, Camilo). Xavier de Carvalho dá conta, na sua crónica “De Paris” no nº 1 da *Bohemia* de novidades de George Ohnet ou Edmond de Goncourt, bem como da ausência de publicações recentes d’“a extrema esquerda dos novos”—Huysmans, Poictevin, Paul Adam, Moréas, etc; a estes nomes se acrescentam no nº 2, na crónica assinada P.B. (que no nº 4 se saberá ser Alberto Osório de Castro), outros nomes, de entre os quais os franceses Verlaine, René Ghil, Mallarmé e Catulle Mendès, bem como os russos Tolstoi, Gogol, Dostoievsky, Turguéniev. Para lá do traçar de um mapa de leituras para os jovens estudantes literatos, o interessante nesta lista é a caracterização esboçada do Simbolismo, não como quadro poemático, mas como *air du temps*, “Babylonia nevrótica e sobreagudamente artista,” em relação com a “eterna questão da Arte pela Arte [que] se discute e examina, nos cafés, no Quartier Latin, no foyer dos teatros e nos corredores do Colégio de França” (26). Contribuindo para aquela mitificação de Paris como capital não só das letras mas também do vício, a mesma imagem prolonga-se na crónica em que Xavier de Carvalho descreve no nº 3 os bailes de “Carne” no Carnaval de Paris, por ele testemunhados ou lidos em Balzac e nos Goncourt (sempre esta conjugação do vivido e do que a literatura faz com isso); Carvalho, aliás, termina a crónica advertindo que ela é “para ser lida pelos rapazes à mesa do café ou pelas meninas [...] às escondidas da mamã!” (45). De acordo com o duplo paradigma moral que aqui desponta, haverá nos poemas publicados um tratamento do amor dividido entre dois pólos: num estão as figuras evanescentes e idealizadas, no outro as mais carnis, retratadas em poses bem concretas—como aliás se lê na poesia da época (basta evocar Gomes Leal) ou em prosadores que estes rapazes liam com desvelo (Eça, está claro, mas também, por exemplo, Fialho de Almeida). Por sua vez, a “Crónica” assinada por Alberto Osório de Castro no nº 4 da *Bohemia* junta à lista já delineada pelas citações avulsas e as menções enumeradas outros nomes ainda: convoca o “exotismo” de Pierre Loti, exemplifica o “mal do século” com obras de Huysmans, Sully Prudhomme, o Parnaso belga, Verlaine, e com “almas como a de Amiel e de Maurício de Guérin” (49-50); e acrescenta: “parece-me poderem compreender-se e adorar-se mesmo os últimos cenáculos, a igreja simbolista,

o mallarmismo, os poetas *misteriosos* como Rollinat, toda [...] [a] poesia francesa que vem de Charles Baudelaire para cá” (50). Enfim, no nº 6, no âmbito da discussão sobre os alexandrinos novos, além dos textos críticos já referenciados antes, da autoria de Maxime Gaucher, Jules Lemaitre e do *Traité du verbe* de René Ghil, a exemplificação dos vários tipos de acento e cesura naquele verso vem de passos de Victor Hugo, de poemas diversos publicados na revista *Le décadent*, e de citações de Théodore de Bainville, Leconte de Lisle e François Coppée, além dos envolvidos na polémica—Francisco Bastos e Alberto Osório de Castro.

N’ *Os Insubmissos*, estas referências parecem ser todas conhecidas, acrescentando-se-lhes ainda Viélé-Griffin e a *Revue bleue* (1887; nº 3, 39); no nº 5/6 são listados outros ainda, além de vários dos já referidos: Paul Adam, Maurice Barrès, Félix Féneon, Gustave Khan, Jules Laforgue, Henri de Régnier, Arthur Rimbaud e Charles Vignier” (89).⁴ Esta lista de “simbolistas e decadentes” serve aos *insubmissos* de argumento contra os da *Bohemia*; sob o colectivo “Nós” que assina os textos de combate “De lança em riste,” dizem conhecer os confrades do “*Glossário* de Jacques Plowert⁵ e oferecem à revista rival, em empréstimo, os “livros e os jornais” que “de todos” possuem (89).

Ora bem, para que nos serve esta listagem? Para entendermos melhor de onde vem a poesia dos colaboradores destas revistas, e de outros seus contemporâneos em Coimbra que nelas não participaram. Precisemos este quadro, recordando alguns deles, e as obras que publicariam nos anos imediatamente seguintes: Eugénio de Castro (*Oaristos*, 1890; *Horas*, 1891), Alberto de Oliveira (*Poesias*, 1891), António Nobre (*Só*, 1892, 2ª ed. muito alterada, 1898), Francisco Bastos (*Versos*, 1898), Alberto Osório de Castro (*Exiladas. Livro de versos*, 1895); e, dos que não participaram nas revistas, lembrem-se ao menos os nomes de António Oliveira-Soares, Henrique de Vasconcelos, João Barreira, Vasco Ortigão Sampaio, Camilo Pessanha. Nas obras destes poetas, temas e motivos, formas poéticas e versificação trabalham sobre modelos aprendidos na confluência de leituras da poesia portuguesa e dos poetas franceses ou belgas que *boémios* e *insubmissos* leram e usaram como arma de arremesso nas discussões havida nos meses de duração das publicações respectivas.

Uma das questões que podemos observar neste alfofre do Simbolismo nascente nas páginas das revistas diz respeito à emulação de poemas de Junqueiro, de Antero, de Gomes Leal, de Cesário Verde e Gonçalves Cresp—o que é bem visível para qualquer leitor de hoje que seja frequentador desses

autores. E não há que espantar, pois estamos a falar de rapazes à volta dos vinte anos, ainda à procura de uma voz poética própria. Assim, se nas páginas da *Bohemia nova* poemas de Agostinho de Campos, Alberto Osório de Castro e Sanches da Gama deixam ver a leitura de Cesário ou de Gomes Leal, vemos nas crónicas acusações de epigonismo em relação a estes mesmos autores ou a Junqueiro, João de Deus e António Fogaça. Por sua vez, *Os Insubmissos*, “de lança em riste,” acusam a “Ode aos rapazes novos” que António Nobre dera à estampa no nº 1 da *Bohemia* de plagiar Junqueiro e Joaquim de Araújo, no quadro do epigonismo que, segundo eles, caracterizaria de modo geral os colegas da revista rival—mal que escamoteiam na sua própria publicação, na qual os poemas são igualmente pouco originais.

Na tentativa de erguer uma originalidade, no entanto, convém notar por parte d’*Os Insubmissos* dois aspectos. O primeiro é que à pretendida inovação técnica nada corresponde do ponto de vista temático: com efeito, mesmo nos poemas em que experimentam o alexandrino lemos hoje um convencional tratamento de temas e motivos, quer se trate da situação amorosa, quer da descrição de quadros e cenas. Sirvam-nos de exemplo dois textos. No nº 1, em “*Noite de fogo*,” de Eugénio de Castro, lemos a descrição de uma “noite de fogo” de artifício em Lisboa com o sujeito poético primeiro como observador, usando o registo realista, e depois como poeta sonhador, partindo para divagações; o poema estrutura-se em alexandrinos de rima emparelhada, combinando os de tipo clássico com outros que experimentam a “cesura deslocada” (8 + 4 sílabas, correspondendo a versos com essas medidas). Parece no entanto, como aliás em muitos poemas dos livros que Castro publicou na década de 90, haver um investimento nas questões poemáticas de ritmo, versificação, rima, uso do que o autor virá a chamar “raros vocábulos,”⁶ ficando de lado o trabalho sobre *o que se diz*—do cuidado aparentemente posto nos versos de abertura de acordo com o efeito de estesia pretendido:

Casamento real. Um dia de turquesa.
 Passa o cortejo. A noiva, uma láctea Princeza,
 Cyclamen rosco duma elísea formosura,
 Tranças d’oiro tostado, olhos d’ágata escura [...]. (1)

Desse cuidado, dizia, parece pouco restar quando, no final, se lê esta mescla de registos e de tons:

E com as mãos de alabastro
Toma o filhito branco e loiro como um astro
E do marido sobre os braços vai depô-lo.

Resoluta, depois, arranca-me do colo
A criança, e num gesto insinuante e nobre,
Compondo-lhe primeiro o vestidinho pobre,
Sem vergonha da luz claríssima do luar,
Desaperta o corpete e dá-lhe de mamar. (1)

A discrepância a que me refiro não passou aliás despercebida à folha *Nem cá nem lá*, que zurze com humor neste desnível exemplificado pelas mãos de “alabastro” de uma mulher do povo e o acto trivial de dar de mamar à criança; também os *bohemios*, pela pena colectiva do Dr. Fausto, não só detectam e analisam vários “versos errados” neste poema, como opinam ser “todo o fim da última parte [...] simplesmente detestável” (31-32). Não é minha intenção continuar essa batalha, humorística e séria—mas tão só notar nestes versos algo que julgo ser extensível aos jovens poetas que publicaram nestas revistas de 1889: a aprendizagem, para eles, parece privilegiar os aspectos formais dos textos, deixando em segundo plano a sua conjugação com as temáticas de que se ocupam os poemas. Idêntica crítica se estende, aliás, a poemas publicados na *Bohemia nova*, do que podem servir de exemplo poemas muito convencionais de Alberto Osório de Castro, Alberto de Oliveira, Sanches da Gama, etc.⁷

Entra aqui a necessária referência à muito pormenorizada discussão entre as revistas a propósito de questões técnicas relativas ao alexandrino, à acentuação e à cesura desse verso, às fontes franco-belgas com que vão esgrimindo argumentos ou com que, como já referi, se atribuem mutuamente diversos erros. Vera Vouga e Fernando Guimarães, além de Seabra Pereira, já se referiram suficientemente a essa questão, pelo que me dispenso de a argumentar em detalhe. Referirei apenas, muito brevemente, que se trata de um propósito de renovação poética argumentada e praticada, nomeadamente na rubrica “De lança em riste” do nº 3 de *Os Insubmissos*; trata-se, em suma, da afirmação dos seguintes princípios: não se contentando com o uso do alexandrino clássico (com cesura na 6ª sílaba, e acentuação principal nas 6ª e 12ª), estes poetas propõem, na esteira dos autores franceses atrás referenciados, “conservar a cesura mas deslocando-a” (41), para o que

“*ensaíamos* um alexandrino composto de um verso de oito sílabas e outro de quatro” (42). No original sublinhado, este “*ensaíamos*” ganha um valor central, porque é ao que assistimos nestas páginas, ensaio e treino sobre este verso tecnicamente difícil—a justificar, aliás, os erros ou pelo menos o problemático escandir dos versos que, número a número, os intervenientes vão detectando em si mesmos ou nos outros. É na justificação argumentada de problemas levantados, aliás, que convocam tanto os poetas como os críticos franco-belgas que atrás se enumeraram, seja para corroborar o pensamento poemático ora de *boémios* ora de *insubmissos*, seja para exemplificar com versos dos parnasianos e dos simbolistas os efeitos que propugnam para a nova forma de versejar. Sirva como síntese para a argumentação, no artigo “A questão dos alexandrinos” (a fechar o último número da *Bohemia nova*, 73-75), a defesa do ritmo do verso trímetro dentro das seguintes possibilidades: alexandrino clássico (6^a e 12^a), só com uma cesura (8+4), com duas cesuras, ou ainda com acentos (4^a, 8^a e 12^a) mas sem cesura.

E que importa isto? Importa, e muito, porque os jovens *insubmissos* “de lança em riste” e os que se acolhem à sombra do dr. Fausto estão a criar as bases do que virá a ser a poesia portuguesa do final de oitocentos e dos inícios de novecentos. De facto, se o Simbolismo foi, no exterior, “nevrose, pessimismo,” “essa vida intensa de babilónia nevrótica e sobreagudamente artista, com epítetos imprevistos e rimas milionárias” (*Bohemia nova*, 26-27), foi-o porventura porque os poetas que, desse tempo, persistem na nossa memória, não se ficaram por essas lucilações e fogos-fátuos, antes procuraram nos versos trabalhados com requinte e ofício o seu mais fundo rosto. Que o papel dos poetas menores e de revistas mais ou menos esquecidas seja o de trazer à luz o contexto em que se forma a voz mais funda da poesia, eis o que basta para que mereçam a nossa atenção.

Notas

¹ *Bohemia nova e Os Insubmissos, seguidas de Nem cá nem lá e Bohemia velha*, reprodução facsimilada, edição e prefácio de Vera Vouga (Porto: Campo das Letras, 1999). Nas citações referencio o nº da revista respectiva, além das páginas. Actualizo a ortografia, com excepção do título *Bohemia*, de acordo com o procedimento adoptado por Vera Vouga.

² Este madrigal compõe-se de três sextilhas, cujos versos 3 e 4 são alexandrinos, sendo os restantes decassílabos.

³ Cf. a revista de Coimbra *Os Novos*, 1893-94. Leia-se nas suas páginas o artigo de

Armando Navarro “Dos novos e da sua poesia,” reproduzido na antologia de Fernando Guimarães, *Poética do simbolismo em Portugal*. (Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1990) 91-99.

⁴ Anote-se de passagem que muitos destes autores constam do catálogo de Léon Vanier, que em 1892 virá a publicar em Paris a primeira edição do *Só* de António Nobre.

⁵ Trata-se da seguinte obra de Paul Adam, com o pseudónimo Jacques Plowert: *Petit glossaire pour servir à l'intelligence des auteurs décadents et symbolistes* (Paris, Léon Vanier, 1888).

⁶ Cf. prefácio à primeira edição de *Oaristos* [1890], *Obras poéticas de Eugénio de Castro*, Tomo I, reprodução facsimilada [da edição Lumen] dirigida por Vera Vouga (Porto, Campo das Letras, 2001).

⁷ Reservo para outra ocasião o comentário dos poemas de António Nobre publicados na *Bohemia nova*, versões com interesse para a edição crítica em curso. São os seguintes: nº 1, 4-6: “Ode aos rapazes novos (Excerto)”; nº 2, 23: “Neto—avô”; nº 3, 40: “Sonetos” (“I- Palavras de um doente”, “II - Elegia” [“Ó virgens que passais, ao sol poente”], “III —O meu condado”, “IV – Lucta pela vida”).

Paula Morão is a Professor at the Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa where she teaches nineteenth- and twentieth-century Portuguese literature. She has published extensively on the works of Irene Lisboa whose critical edition she coordinated. Among her publications are the following books: *Irene Lisboa: vida e escrita* (Lisboa: Editorial Presença, 1989), *O Só de António Nobre: uma leitura do nome* (Lisboa: Caminho, 1991), *Salomé e outros mitos: O feminino perverso em poetas portugueses entre o fim-de-século e Orpheu* (Lisboa: Cosmos, 2001) and *Viagens na terra das palavras: ensaios sobre literatura portuguesa* (Lisboa: Eidições Cosmos, 1993). E-mail: pmorao@sapo.pt